

dossiê

O pensamento decolonial

caminhos para
o ensino de
arquitetura na
América Latina

Nilce Aravecchia-Botas

A atuação das vanguardas artísticas entre as décadas de 1920 e 1940 lançaram as bases do significado que o termo "latina" ganharia, e que permanece ainda hoje. É certo que as vanguardas, em países como México, Argentina e Brasil, se ocuparam inicialmente com a questão nacional, mas por meio da construção de identidades para os estados-nação elas consolidaram no continente, uma dimensão cultural e simbólica para o desejo de autonomia, numa substituição de hegemonias culturais anteriores (GORELIK, 2005). Nesse processo, a América Latina foi deixando de significar a herança da tradição europeia sobre esse território (que estava na origem do termo), para se aproximar da ideia de mestiçagem, resultada da combinação daquela tradição com as manifestações autóctones (ARELLANO, 2014).

Por seu lado, a própria conformação do campo disciplinar da arquitetura e do urbanismo no continente, com as disputas sobre uma linguagem e uma determinada condição profissional, também tem relação direta com os movimentos de vanguarda que buscavam a forma representativa da mestiçagem num contexto de modernização. Assim, entender o campo disciplinar passa necessariamente por entender a construção cultural da América Latina. Mas se pensar a arquitetura desde a construção cultural da América Latina é algo que decorre quase que naturalmente da própria conformação do campo disciplinar, segue a indagação do como pensá-la, de quais olhares direcionar a esse recorte histórico-geográfico de pesquisa.

O recurso ao pensamento decolonial advém da preocupação em alcançar consciência sobre a definição desse objeto de pesquisa e, desse ponto de vista, a América Latina é pura potencialidade. Seu limite estaria dado somente pela sua negação arbitrária, que naturaliza processos de globalização e de fragmentação sem entendê-los também como construções culturais. O questionamento da existência da América Latina é a negação de sua integração enquanto projeto. A naturalização e a reafirmação do global, assim como do específico e do peculiar, vai de encontro exatamente ao que desejavam as vanguardas: buscar o que havia de universal nas tantas particularidades da América Latina.

O pensamento decolonial, ao relacionar os estudos pós-coloniais e a tradição crítica marxista latino-americana, propõe um giro epistemológico com o propósito de renovar a crítica sociológica no continente. Ao compreender a dependência como resultado de uma situação colonial em longa duração, parte-se de uma análise histórica da conquista global pelos europeus — espanhóis e portugueses —, e de sua reestruturação desde a revolução

industrial, quando Inglaterra e depois os Estados Unidos transformam-se nas novas potências. Mesmo com divergências entre métodos, argumentos e formulações, a obra de teóricos como o semiótico Walter Mignolo, os filósofos Henrique Dussel e Santiago de Castro-Gomez, os sociólogos Ramón Grosfoguel e Aníbal Quijano, entre tantos outros, tem em comum a crítica de fundo epistemológico sobre o racionalismo de base eurocêntrica.

Para eles, ao separar o corpo de um espírito racional, a filosofia iluminista teria consolidado e legitimado todo o processo de colonização e de exploração sem limites do mundo material, incluído o ser humano. Sob a legitimidade de levar a verdade, primeiro de uma religião e depois de uma racionalidade pretensamente universal, todo tipo de atrocidade fora praticada para a posse dos corpos e das terras, objetificados na Colonização da América. Para esses teóricos seria necessário localizar o recorte histórico-geográfico dessa racionalidade supostamente universal: primeiro a Europa e na sequência, os Estados Unidos.

No âmbito do campo disciplinar da arquitetura e do urbanismo também houve iniciativas por formulações próprias na América Latina. Simultaneamente ao percurso nas ciências sociais, entre os anos de 1960 e 1980, esse esforço deu-se mais na construção de uma história da arquitetura latino-americana, com destaque para os trabalhos de Francisco Bullrich (1969), Roberto Segre (1975), Ramón Gutierrez (1983) e Enrique Brownie (1988), entre outros. Mesmo considerando seus diferentes recortes historiográficos e muitas divergências de abordagens metodológicas, esses autores retomaram as discussões das vanguardas modernas, no sentido de buscar as identidades e as especificidades da América Latina, reforçando, em grande medida, a ideia de sua cultura como produto de uma mistura entre os costumes locais e a herança europeia.

Mas, nesse universo foi a contribuição de Marina Waisman na década de 1980, que parece mais se aproximar do pensamento decolonial. À medida que propôs mobilizar recursos metodológicos que colocavam diretamente a questão do ponto de vista, da enunciação do lugar do pensador, trouxe uma reflexão mais aprofundada sobre a herança epistemológica europeia para o campo. Em seu trabalho, *El interior de la historia* (1988), apareceu então uma espécie de chamado à consciência, para que o historiador e intelectual latino-americano evitasse assumir discursos que tendessem a reproduzir hierarquias já consolidadas. Assim, a autora chamava a atenção não só para a autonomia latino-americana na produção arquitetônica, mas para a necessidade da construção de um discurso autônomo sobre ela.

Papel que a colonialidade teve e mantém sobre a historiografia e a crítica de arquitetura

Depois de Waisman, outros historiadores latino-americanos avançaram na direção de questionar as construções mais canônicas da história da arquitetura, cuja reflexão pareceu avançar em paralelo ao pensamento decolonial, ainda que em termos de filiação teórica não tenham feito referência direta à produção assim denominada nas ciências sociais.

Jorge Francisco Liernur (2002) e Adrián Gorelik (2005), de maneiras distintas, buscaram inclusive desafiar o projeto crítico de Manfredo Tafuri, revelando a dimensão de eurocentricidade sua análise marxista, e buscando uma aproximação maior com o materialismo cultural de Raymond Williams. A partir dessa perspectiva, a produção artística é sempre relacionada às condições materiais da sociedade, em análises que têm reorientado as pesquisas em história da arquitetura e do urbanismo na América Latina. Por um lado, constrói-se interpretações que entendem os recortes de pesquisa como produções culturais complexas para além do campo disciplinar, e por outro tende-se a ampliar temáticas e trajetórias, no sentido de produzir narrativas transnacionais e globais que relativizam o papel preponderante de europeus e norte-americanos.

É assim, que Jorge Francisco Liernur, em seu *Es el punto de vista estúpido!* (2010), destaca o papel que a colonialidade teve e mantém sobre a historiografia e a crítica de arquitetura na produção de sínteses culturais. Nesse ensaio, trabalha sobre a questão da enunciação da narrativa, chamando a atenção para a hegemonia do pensamento de vertente “norteamericana” na historiografia da arquitetura. Ao final usa de uma sutil ironia: colocando a palavra *positions* destacada em itálico, faz um trocadilho com a palavra *Oppositions* — o nome da revista do grupo que se reuniu no *Institute for Architecture and Urban Studies* (IAUS) ligado ao *Museum of Modern Art* de Nova York (MoMA). Evidencia assim o predomínio do grupo nova-iorquino filiado a tais instituições no debate arquitetônico entre as décadas de 1970 e 1990.

No Brasil, um traço dessa hegemonia foi a publicação, em forma de antologia reunida por Kate Nesbitt intitulada “Uma nova agenda para a arquitetura” (2006). Uma “nova agenda” que, estabelecida a partir de Nova York, apontavam as abordagens que reforçariam a produção teórica daquele grupo, e que explodiriam na década seguinte: gênero, prazer, corpo, processos digitais, fragmentação, globalização etc.

Esse ponto de vista não enunciado, mas chancelado pelo MoMA enquanto principal instituição no âmbito da cultura ocidental, atravessou não apenas os materiais, mas as mentes dos atores envolvidos na difusão da ar-

quitetura na América Latina, ainda que o pensamento latino-americano estivesse pujante e em grande medida muito consciente de seus esforços. Exemplo disso, é como a pauta sobre a identidade, tão presente entre intelectuais latino-americanos desde as vanguardas dos anos de 1920, vai se transformando. No que diz respeito à historiografia da arquitetura propriamente dita, as questões sobre a apropriação do lugar e da história do continente já vinha sendo abordada desde o trabalho de Bullrich (1969), e durante as décadas de 1970 e de 1980 são aprofundadas e debatidas simultaneamente em diversas partes do globo. Essa discussão resulta também nos *Seminários de Arquitectura Latinoamericana* (SAL) que acontecem a partir de 1985 (SOUZA, 2013). Entretanto, sua complexidade teórica, com inúmeros pontos de vista, é em grande medida subalternizada na síntese do “regionalismo crítico” de Kenneth Frampton (1983), confirmando a tendência histórica da divisão do trabalho intelectual nas ciências sociais, pela qual o Sul Global sempre forneceu as experiências enquanto o norte global sempre produziu e aplicou teorias sobre ela.

Ao reconhecer esses esforços, uma aproximação entre o pensamento decolonial e a crítica de arquitetura latino-americana, tende a ser produtiva para elaborações teóricas do campo disciplinar. Ainda que não tenha havido uma relação deliberada entre as partes, encontra-se nelas um sentido de época, uma simultaneidade entre a reflexão decolonial e a formação de uma crítica e de uma historiografia própria de arquitetura na América Latina, que colocou a questão da enunciação do ponto de narrativa, de 1980 em diante, no sentido de romper a hegemonia do hemisfério norte na produção de teorias.

Entretanto, esse movimento na arquitetura, parece estar mais restrito à produção historiográfica, alcançando muito lentamente a reestruturação do ensino de história nas escolas de arquitetura e urbanismo, ao menos no Brasil. Desde uma percepção geral é possível apontar algumas questões para reflexão.

Em sala de aula, ainda são priorizados personagens europeus e norte-americanos e nos programas de curso de história da arquitetura, o mais comum é o desenho cronológico desde os grandes períodos que correspon-

dem a correntes estilísticas (renascimento, maneirismo, barroco, neoclassicismo, ecletismo e modernismo). Essa orientação adotada por vezes de maneira naturalizada, e pouco crítica, passa a impressão de um "ponto zero", supostamente neutro.

No caso dos exercícios e reflexões projetuais, é evidente um certo descolamento de questões cotidianas, e ainda um enfoque numa abordagem "belartista". Há pouca consideração sobre os inúmeros elementos que compõem a produção da arquitetura e da cidade, como o caminho dos materiais e da mão-de-obra, e a ideia ainda predominante de uma divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, que impede construir a consciência da fragmentação do trabalho do arquiteto, num processo que aliena o próprio trabalho intelectual. Por último, o que parece mais problemático, e que tem relação direta com o ponto anterior: a especialização dos saberes, a divisão entre "planejadores" e "arquitetos de edificação", com a redução significativa de problemas intermediários que busquem uma relação mais orgânica entre desenho, produção de cidade e legislação urbanística. Esses processos levam à abordagens cada vez mais recolhidas no interior do campo disciplinar, e a ação individual ainda prevalece nas narrativas, que insistem em convocar a genialidade inventiva, e se recusam a entender as dinâmicas e processos históricos constitutivos das figuras excepcionais.

Em grande medida os currículos muito consolidados são os maiores obstáculos para transformações, com o agravante que nos casos das instituições privadas de ensino superior de massa, as grades e os conteúdos chegam pré-definidos, com pouca flexibilidade para que o ambiente de aprendizado seja dinâmico e aberto à demandas e reflexões atualizadas. No ambiente acadêmico, tanto quanto no ambiente profissional, o problema parece passar também pela definição e salvaguarda de micro-campos de especialidades, que impedem um diálogo maior na construção de um projeto político mais abrangente para a arquitetura e o urbanismo. É no enfrentamento desses obstáculos, da excessiva especialização, que a aproximação com o pensamento decolonial apresenta um ponto de entrada. Uma crítica radical envolvendo os termos de origem da própria profissão pode indicar um salto qualitativo na reflexão, na prática e no ensino de arquitetura de maneira integrada.

A crítica decolonial e sua convocação à necessidade de uma ruptura epistemológica, chama à consciência a dimensão eurocêntrica de nossa herança intelectual, que no caso da arquitetura, Jorge Francisco Liernur (2002) chama de "nortatlanticocêntrica". Essa busca de consciên-

A crítica decolonial e sua convocação à necessidade de uma ruptura epistemológica, chama à consciência a dimensão eurocêntrica de nossa herança intelectual

cia, ainda que dolorida, pode auxiliar na direção da formulação de novos conteúdos e de caminhos pedagógicos que renovem o ensino de história e de projeto de arquitetura.

Entretanto, essa crítica não pode estar restrita ao reconhecimento da diversidade como tem sido entendida. O pensamento decolonial, ao aproximar os estudos culturais de uma tradição do pensamento marxista latino-americano, ajuda a entender a dimensão estrutural das relações geopolíticas de dominação colonial.

Como bem observou Santiago de Castro-Gomez (2005), o que o autor chama de poder libidinoso da "pós-modernidade" prescinde dos estados-nacionais e não reprime as diferenças, mas as estimula e as produz, tirando de vista o horizonte do comum, gerando verdadeira guerra entre as diferenças. Para o autor, o problema está na substituição do relato "universal" da modernidade, por um novo relato: já não existem regras definidas para todos os jogadores do planeta, a estratégia não é mais a "ideologia universalizante" do projeto moderno, mas é a legitimação das diferenças — os micro-relatos deixam de fora a representação do outro. O outro não está mais sem oposição, mas está invisibilizado pelos círculos que se fecham entre os iguais. Assim, a totalidade não pode ser nomeada, mas está presente e atravessa o pensamento e as ações, o tempo todo. Categorias como classe, periferia ou sistema-mundo, ou inclusive América Latina, caíram em desuso, recebendo rótulos de "essencialista" ou "generalista".

É necessário, portanto, junto com a compreensão dos micro-relatos, entender a dinâmica das estruturas geopolíticas de poder sobre os fazeres e suas narrativas (como observou Marina Waisman, e como de forma di-

ferente sugere Liernur). No caso da arquitetura significa entendê-la em sua totalidade e em todas as suas dimensões, retomando a crise da separação de saberes (intelectuais e manuais) que sempre foi o motor da própria disciplina. Retoma-se assim o desafio lançado por Santiago de Castro-Gomez (2005) às ciências sociais: reconhecer e nomear a totalidade sem cair no essencialismo.

Voltando às questões do início desse ensaio: porque América Latina? Se está no interior do campo disciplinar a resposta inicial, na relações entre a arquitetura e as vanguardas em busca de uma identidade própria no continente, a reflexão feita nessas linhas lança a resposta para fora do campo: o pensamento decolonial traz de volta a América Latina como fonte de riqueza material e de energia humana para a acumulação capitalista desde seu início. Nesse sentido, a máquina que impulsionou o capitalismo é desde então a exploração da terra, dos corpos humanos e da natureza em sua totalidade, incluindo o trabalho dos arquitetos. A arquitetura novamente entendida enquanto corpo material, depositário de energias humanas as mais diversas, pode fundar práticas libertárias de descolonização dos corpos, das mentes e das terras; e isso pode ser feito a partir da consciência de duas totalidades que podem ser nomeadas: a do sistema capitalista global com seu poder hierárquico, e a nossa condição de latino-americanos no interior desse sistema.

AUTORA

Nilce Aravecchia-Botas é graduada (2000) e mestre (2005) em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em São Carlos e doutora (2011) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. É professora de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Atualmente desenvolve pesquisa sobre a relação entre arquitetura, habitação e planejamento na América Latina.

REFERÊNCIAS

- ARELLANO, Alfonso. América Latina, historiografía y arquitectura. In: _____. **Trienal de Investigación FAU 2011**. Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Central de Venezuela, Caracas, jun. 2011. Disponível em: <www.fau.ucv.ve/trienal2011/cd/documentos/hp/HP-2.pdf>. Acesso em: ago. 2014.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p.89-117, 2013. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522013000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: ago. 2016.
- BROWNE, Enrique. **Otra arquitectura en América Latina**. Cidade do México: Gustavo Gili, 1988.
- BRUIT, Hector. A invenção da América Latina. In: **Anais do v Encontro da Anphlac**. Belo Horizonte: Anphlac, 2000. Disponível em: <anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/hector_bruit.pdf>. Acesso em: ago. 2016.
- BULLRICH, Francisco. **Arquitectura Latinoamericana, 1930-1970**. Buenos Aires: Editorial Suramericana, 1969.
- CASTRO-GOMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da "invenção do outro". In: LANGER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. Disponível em: <biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D1204_dir/9_CastroGomez.pdf>. Acesso em: ago. 2016.
- FRAMPTON, Kenneth. Towards a Critical Regionalism: six points for an architecture of resistance. In: FOSTER, Hal (ed.). **The anti-aesthetic: essays on Postmodern culture**. Seattle: Bay Press, 1983, p.16-30.
- GORELIK, Adrián. **Das vanguardas à Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- GUTIÉRREZ, Ramón. **Arquitectura y urbanismo en Iberoamérica**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.
- LANGER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.
- LIERNUR, Jorge Francisco. **Escritos de arquitectura del siglo xx en América Latina**. Madrid: Tanais, 2002.
- _____. Es el punto de vista, estúpido! In: _____. **Arquitectura en teoría**. Escritos 1986-2010. Buenos Aires: Nobuko, 2010, p.273-288.
- NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**. Antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- SEGRE, Roberto, relator. **América Latina en su arquitectura**. Cidade do México: Siglo XXI, 1975.
- SOUZA, Gisela Barcellos de. **Tessituras híbridas ou duplo regresso: encontros latino-americanos e traduções culturais** do debate sobre o Retorno à Cidade. Tese (Doutorado) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- WAISMAN, Marina. **El Interior de la história: historiografía arquitectônica para uso de latinoamericanos**. Bogotá: Ed. Escala, 1988.
- _____. **O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. São Paulo: Perspectiva, 2013.